

JB - 13/08/1970

**JORNAL
DO
SERTÃO**

JOSÉ CARLOS AVELLAR

Roupa velha, meio rasgada, o menino mais nôvo observa encantado a novi

JOSÉ CARLOS AVELLAR

O Outeiro da Glória fica todo iluminado, para sua festa anual, e, pelas laterais e escadas, sobem milhares de peregrinos, vindos dos quatro cantos da cidade e mesmo dos Estados.

Grandiosos como sempre, os festejos da Nossa Senhora da Glória procuram seguir, tanto quanto possível, o ritual de antigamente; mas, naturalmente, não podem contar hoje com uma grande atração dos dias do Primeiro e do Segundo Império, os famosos castais.

Mundados vir da Itália, em número de sete, especialmente para dois meses imponentes a missa gratulatória dedicada à Virgem, proporcionam de uma soberba exibição cênica. Emancipados pela interferência a que, por amor à arte, se submetem, sem assistências soprano, impondo sua voz límpida e sonora no cenário coral que realizam em conjunto com os mais destacadas figuras do Teatro Lírico e da Ópera Nacional.

Dit-se-lhe, e o vi não se apenas suas vozes, que hánt no coro algumas prima-donas ao lado de tenores, barítonos e baixos, numa afinidade de rendimento perfeito, quase provocando aplausos que só mesmo a austeridade do tempo conseguia conter.

GRANDIOSIDADE ARTÍSTICA

Por alguns anos, os harmoniosos castais construíram para o grandiosidade do programa religioso da festa de Nossa Senhora da Glória, tendo a seu cargo as cantadas das missas solenes do Te Deum e de outros atos sacros. Quatro deles pouco depois se foram, deixando o septeto artístico de grande expressão. Mas Facciotti, Bentele e Cicconi permaneceram no Brasil, e no Segundo Império continuaram integrando o elenco de vozes que entoava os himnos e os responsórios durante a celebração dos ofícios religiosos.

Eram os castais figuras imponentes, e um deles, Antonio Cicconi, que Vieira Fazenda conheceu já envenenado e loube de sua morte a 28 de outubro de 1879, é assim descrito pelo acadêmico historiador: "De grande cultura, o tronco curvado, e tez macilenta, enrugada pelos anos, doam a esse enleado aspecto respeitável, aumentado pela comprida sobrecoxa preta, sempre abotoada. Fora gentil rapagão em tempos idos."

Hoje, ainda que sem a presença dos harmoniosos castais — êmulos dos que, nos tempos em que era vedado às mulheres participar dos coros nos conselhos, se faziam ouvir como soprano na capela lírica — não contando com aqueles virtuosos do bel canto, se hesiteja de locutar a Nossa Senhora da Glória continuam tendo aos 15 de agosto de cada ano a devota comemoração.

Soprano e a tenório, na voz que sua condição feminina lhes permite, substituem agora os castais. Nos dias atuais, nos a não estranheza, talvez descurando, são eles também de um tempo em que a arte tinha de ser verdadeiramente artística todos os sacrifícios que ela exigisse. E os castais, artisticamente soprano, foram alguns deles.

Roupa velha, meio rasgada, o menino mais novo observa encantado a pericia com que o pai, escudado numa armadura mágica de couro, encondia a boiada, domina o cavalo. Daí a pouco irá imitar os passos largos e desajeitados do pai, irá tentar domar uma cabra. Vidas Secas, de Nelson Pereira dos Santos. Sete anos depois, a mesma imagem que Nelson extraiu do romance de Graciliano Ramos volta as telas num filme brasileiro, e agora com a força que só a imagem de um documentário pode apresentar. Em *O Homem de Couro*, o mesmo fabiano de fala pouca e jeito manso, o mesmo menino mais novo de roupa velha e meio rasgada. *O Homem de Couro*, documentário em cores e de média metragem, dirigido por Paulo Gil Soares, é um dos cinco filmes que a Cinemateca do Museu de Arte Moderna vai exibir amanhã, sábado e domingo.

Um jornal do Nordeste brasileiro é o que formam as reportagens filmadas por Paulo Gil — *O Homem de Couro*, *A Mão do Homem*, *Frei Damiano*, *Martelo dos Berezes* e *Trombeta dos Afritos* — e Geraldo Sarno, *Visu Cariri* e *Jornal do Sertão*. O mundo destes cinco filmes é o Nordeste de hoje, entre o princípio de industrialização e o fim do artesanato, entre a invasão dos meios de comunicação e os desafios dos cantadores e cegos de feira, entre a miséria e o misticismo. O mundo sem muitos horizontes do homem encorçado que vai cuidar do gado, do artesanato que trabalha com o couro e o couro o suficiente para poder usar as sandálias, chapéus ou selas que fabrica.

Mundo sem horizontes do artesanato que nem mesmo possui roupa para vestir e trabalhar seminu. Mundo que começa a ser invadido pela televisão pelos meios de comunicação de massa, onde os mitos populares da grande cidade já começam a conviver com os velhos heróis do sertão: Chico Buarque, José Fernandes, Roberto Carlos, ao lado de Lamplim, Cristiano Cicero, Canção de Fogo, Cego do Aderaldo e Ze Pretinho, nos versos dos cantadores.

Mas sobretudo um mundo movido por um inacreditável misticismo que leva um homem de Caruaru a Juazeiro carregando nos ombros uma cruz de madeira de 70 quilos, que mantém repêta de exvotos de toda a espécie as salas de milagres. Sobretudo um inacreditável misticismo que criou Frei Damiano, a quem a igreja crível seria de milagres; por milagre, um rádio escangalhado ficou bom para que seu sermão pudesse ser ouvido; as verrugas desapareceram do rosto de uma mulher; um vaqueiro desenganado pelos médicos curou-se da noite para o dia ao beber um copo d'água.

Cinco reportagens filmadas num estilo direto, didático, simples: a câmara anda com o pagador de promessas pelas ruas de Juazeiro, para um instante e escuta atenciosa a recordação que as pessoas possuem do misticismo no tempo do padre Cicero, ou entrevista Frei Damiano para saber do comportamento místico dos que hoje seguem o seu sermão, aproxima-se com toda intimidade para registrar em detalhes o ritual da preparação do homem de couro para o trabalho, ou o esforço do artesão no preparo de utensílios com o lixo da cidade: latas velhas de sico para automóvel se transformam em candeeiros.

O documento simples, com a imagem e o som direto capazes de esgotar o assunto. Mas crível isto não basta, onde o simples registro de um acontecimento não consegue mostrá-lo inteiramente, surge uma montagem de um evidente sentido crítico, através da associação de depoimentos, imagens e ruídos, segundo uma estrutura interna, emotiva, em lugar daquela apoiada na simples continuidade da ação.

Deste modo, as constantes associações dos versos dos vaqueiros e cantadores — a visão que eles têm de seu mundo — com as imagens colhidas pela câmara, ou o paralelismo entre os depoimentos de Frei Damiano e os diálogos que se julgam beneficiados por seus milagres, oferecem ao espectador uma visão mais ampla que a do registro lito e simples. Documentam a um só tempo uma existência maior, procurando mostrar a paisagem humana e o mecanismo que compõe esta paisagem, isto é, o homem do sertão e a maneira de pensar do homem do sertão. Procura-se documentar a violência interna que comanda esta paisagem pela montagem quase de estilo de um filme de ficção. *Visu Cariri*, por exemplo, é postado pelos planos dos ferreiros na abertura, da velha tomando farrista no final, do sonador de pilão no meio, e o som distorcido da ruína de Gilberto Gil, que age como um motivo de violência e loucura a adjectivar o conjunto.

E finalmente ao sair do documento visual tomado fragmento, a distância, ao utilizar o filme como um instrumento de pesquisa, sentir explorar até os seus limites as possibilidades da imagem e do som como captadores de uma realidade, que se cinco filmes de Paulo Gil e Geraldo Sarno conseguem, em alguma montagem, ser mais que documentários sobre o sertão para se transformar numa imagem simples, da que acontece também na cidade, em todo o Brasil Grande. Mais que um jornal do sertão, é quase um jornal do Brasil.



O Homem de Couro, de Paulo Gil Soares



A Mão do Homem, de Paulo Gil Soares



Jornal do Sertão, de Geraldo Sarno



Martelo dos Berezes e Trombeta dos Afritos, de Paulo Gil Soares

CARLOS
DRUMMOND
DE ANDRADE

TERROR, HORROR

Todos nós aprendemos nos manuais escolares a conceituação de tragédia como obra destinada a produzir catarse, pela exploração do terror que convicia à piedade e tem como consequência a purificação do espírito. Por isso mesmo, a tragédia era a obra rara, manifestando sua excepcionalidade entre as demais criações, que pretendiam simplesmente exercer a crítica dos costumes ou divertir o espectador.

Hoje não é mais assim. De gênero teatral com a ambição de estabelecer a purgação interior por meios dramáticos, ela passou a ser condição normal de vida, pôo do café da manhã, servido com o jornal ou o noticiário do rádio. Temos de assistir a espetáculos de horror que não conduzem a paz íntima; concluímos incessantemente a outros espetáculos de horror, de que não decorre moralidade definitiva. A tragédia é hoje um dado do viver social, projetado no viver pessoal. Mesmo não se localizando na área estrita de nossa existência, repercute nesta por implicações que nos obrigam a dela participar como vítimas ou cúmplices por extensão, e não meras testemunhas.

O que aconteceu no Uruguai é mais um elo na cadeia infinita de atos em escala mundial, sejam guerras ou atentados individuais, contra a consciência humana e suas leis, bem superiores, no caso concreto, a quaisquer leis que se invoquem para tolerar o sacrifício de inocentes a fim de impedir a libertação de culpados.

O espírito de modernidade impregnou o tipo moderno de tragédia, em que ferocidade e formalismo, a seriação de mitos revolucionários ou conservadores, se unem para a inolação inicial. Nem a revolução praticada com métodos de guerrilha urbana sai fortalecida de crimes perpetrados com requintes hediondos de suspense e crueldade, nem o Governo que se recusa a salvar os sequestrados por meios extraordinários conquista a vitória com sua intranquilidade. Os terroristas tornaram-se mais odiados perante todos as pessoas simplesmente humanas, que não colocam nenhum objetivo político acima do respeito à vida. A autoridade, mais do que sua força, revelou total incapacidade para reconhecer que acima das fórmulas concepcionadas para a manutenção da ordem jurídica está o reconhecimento do dever de poupar as criaturas, que precisam viver para que a ordem jurídica tenha significado, e não seja apenas um estatuto entre cadáveres.

A nós brasileiros, se algum consolo resta, é o de lembrar que, em circunstâncias idênticas, nos três vezes em que a tragédia absurda foi encenada em nossa casa, tivemos bastante lucidez (e não apenas sensibilidade) para impedir que chegasse ao último ato. Não foi só o coração dos governantes que se abriu, quando cederam aos terroristas, respeitando os Embaixadores dos Estados Unidos e da Alemanha e o cônsul do Japão. Foi também um momento de razão, que lhes será creditado no julgamento histórico, em que puseram seus erros de concepção democrática. O Brasil pôde reclamar a vida de seu cônsul porque soube defender e preservar a de representantes estrangeiros que seriam fatalmente executados se o espírito brasileiro não tivesse prevalecido em sua inclinação natural, acima de interesses políticos, paixões e fórmulas inibitórias.

Não haverá defesa ou vacina contra a barbárie que se apressa da Terra com o pretexto de instaurar justiça, liberdade e paz à custa do que é humano? E que mundo nos é oferecido sob essas aparências de ouro, se vem ensofado no sangue de inocentes, à margem de toda paz, de toda liberdade e de toda justiça?